

Reagan: vetarei o protecionismo

mundial, mas garantiu que rejeitará todo e qualquer projeto protecionista que chegar à sua mesa

WASHINGTON — O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, afirmou ontem, em seu discurso inaugural da 42ª Assembléia Anual do FMI e do Banco Mundial, que vetará todos os projetos de lei protecionistas, e reafirmou a necessidade de buscar uma solução para a dívida externa através da cooperação.

Os problemas da dívida do Terceiro Mundo, segundo o presidente norte-americano, não são apenas daqueles países, mas de todos, "e os resolveremos juntos". Ao qualificar como saudável o panorama econômica mundial, Reagan ressaltou que o desequilíbrio comercial existente é um sintoma de problemas estruturais que devem ser enfrentados.

"O protecionismo autodestrutivo definitivamente não é a resposta. Asseguro que toda legislação protecionista que chegue à minha mesa regressará ao Congresso com a palavra 'veto'."

Em seu discurso de 35 minutos, Reagan destacou que novas idéias, como a conversão da dívida externa em investimentos e a privatização, devem ser consideradas seriamente. E reconheceu progressos na Argentina, México, Ghana e Filipinas com a libertação da economia, a privatização e a eliminação de subsídios.

PROPOSTA BRASILEIRA

Numa declaração que surpreendeu os observadores, o secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, afirmou que a proposta brasileira para resolver o problema da dívida dos países latino-americanos deve ser considerada. Recentemente, Baker havia rechaçado a proposta do ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, de conversão da dívida em títulos e de obtenção de novos empréstimos dos bancos privados.

O presidente Reagan havia informado que Baker apresentará brevemente uma série de iniciativas destinadas a "promover o progresso dos países que adotem o sistema de livre

empresa". No entanto, as declarações do secretário do Tesouro, nas sessões preparatórias, insinuam que se tratam apenas de paliativos.

O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, também elogiou Brasil, Argentina, México e Venezuela pela "forma correta de abordar problemas com programas firmes de ajuste, e pelas fórmulas imaginativas de financiamento baseados em novos empréstimos de fontes particulares e públicas".

Conable disse que o peso da dívida externa não diminuiu, mas, ao contrário, tem aumentado, apesar dos grandes esforços, por exemplo, dos países latino-americanos, que pagaram US\$ 130 bilhões desde 1982. Acrescentou que foram registrados grandes retrocessos no desenvolvimento de alguns desses países, desde 1980. "A consequência tem sido um alarmante aumento na pobreza absoluta, desemprego e a deterioração do bem-estar social."

O presidente do Bird assinalou que "não há soluções fáceis. Foram registradas diversas etapas desde a crise em 1982 e creio que estamos entrando em um outro capítulo". Mas reconheceu que os processos de ajuste e a restauração do crescimento "são mais difíceis do que havíamos pensado".

A instituição que dirige, segundo Conable, fortalecerá sua relação com os bancos privados e procurará transmitir confiança nas perspectivas dos países endividados, prevenindo que retornarão ao crescimento sustentado e à solvência nos mercados de capital dentro de cinco a sete anos. E, animado com o compromisso dos países industrializados de aumentar de US\$ 40 bilhões para US\$ 80 bilhões, Conable prometeu apoiar a conversão de mais dívida em capital.

SEM FÓRMULAS

Falando aos 151 países-membros

presentes à reunião do FMI e do Bird, o diretor gerente do Fundo Monetário Internacional, Michael Camdessus, afirmou às nações em desenvolvimento que "não existe outra forma satisfatória" além da atual para tratar do problema da dívida externa.

Em seu discurso, Camdessus expressou uma posição marcadamente ortodoxa, não aceita pelos países latino-americanos. Numa velada alusão à revolta liderada pelo Brasil contra a estrutura existente, Camdessus disse que as propostas dos países endividados precisariam estar livres de exigências utópicas.

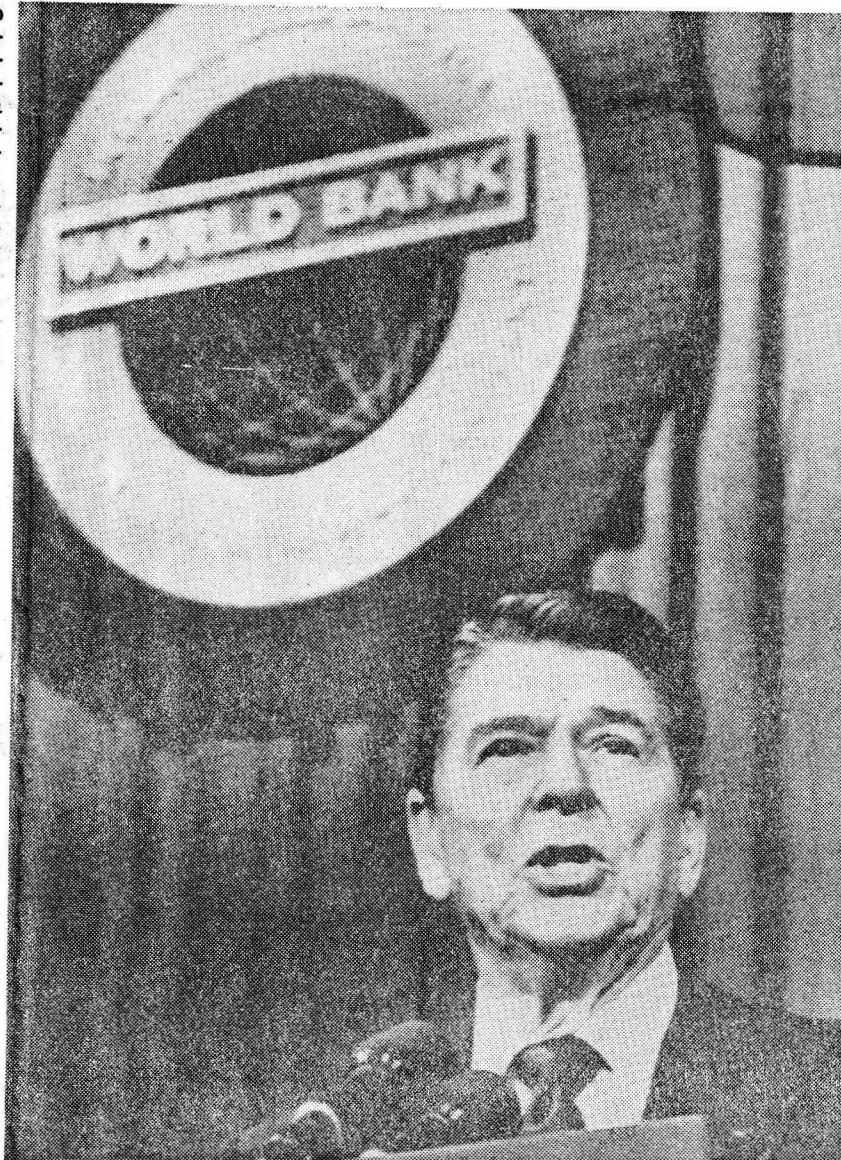
Outro ponto destacado por Camdessus foi a necessidade de abertura ao capital estrangeiro por parte dos países endividados. E, por fim, afirmou que os governos das nações endividadas devem fazer todo o possível para intensificar o clima de colaboração e confiança mútua.

O discurso foi recebido de forma negativa para a maioria dos delegados latino-americanos.

"Um ponto que escapa (a Camdessus) é que a estratégia atual não funciona", afirmou o ministro Bresser Pereira.

Em nome dos países latino-americanos, o ministro Fernando Naranjo, da Costa Rica, disse que "não podem continuar transferindo ao Exterior altas somas de dinheiro, sem reduzir sensivelmente suas possibilidades de desenvolvimento".

As exigências da América Latina, segundo ele, são: "Uma recuperação do ritmo de crescimento dos países industriais, que permita absorver um maior fluxo de exportações procedentes dos países endividados; e aumentos significativos nas correntes de capital para os devedores, provenientes de bancos privados, dos programas oficiais dos países ricos e dos organismos financeiros internacionais".



Reagan abre oficialmente a reunião anual do FMI/Bird

AP